

A DEFEEZA

Orgão do Partido Republicano Liberal

DIRECTOR—**Manoel Alves Correia**

Editor—**José Plácido d'Oliveira Ramos**

ADMINISTRADOR—**Joaquim Correia Dias**

Redacção e Administração—**Rua Antero de Quental, N.º 18**

Assignatura
Continente e ilhas adjacentes, semestre, \$75
« « ano, 1\$50
Africa e Brazil, 3\$00

PROPRIEDADE DA EMPRESA

Composto e impresso na Tip. «Ovarense», Rua Elias Garcia, N.º 132—Ovar

Anuncios

Primeira publicação, \$6 centavos a linha. Repetições \$4 centavos. Permanentes, contracto especial. Os srs. assinantes tem 25 p. c. de desconto.

A batalha do LYS

9 de abril. Amanhecer. Amanhecer de cerraccio fuliginoso e lamacento, a moldura arreléante e sombria com que a natureza cinjiu batalhas e combates que não teem conta, n'aquelle pedaço da França esventrado que vai do Oise ao canal da Mancha.

Amanhecer de pez derretido-indiscriminavel, indistincto informe.

Oito divizões alemãs de tropas de assalto, adestradas durante mezes de acalmia nos metodos recentes de Ludendorff, brilhantemente ensaiados em Brainsizza e em Caporetto assaltam, de surpresa e a coberto do nevoeiro sem limites, as trincheiras que os soldados portuguezes guardavam; escassissimos em numero, abatidos fizicamente pela longa, ezustiva, implacavel vigilancia e *corps-a-corps* de todo um glacial e terrivel inverno das terras baixas escorrentes d'agua, que nunca enxugam, do Lys razo, monotono, lodozo.

Dezaparecem as nossas trincheiras, desfeitas umas e engulidas, as mais, pela tromba de fogo e de massas cerradas de regimentos tudescos, mas os soldados portuguezes não fojem, não abatem mão do duello trajico em que teem de haver-se na razão de um contra oito—e oito homens folgados e frescos contra um, arrazado de fadigas sem termo e sem preço.

Morrem, inutilizadas as armas são levados prizioneiros, mas até ao ocazo d'aquelle dia que os fez exceder os heroes de Homero e igualr os de Camões; até ao fim d'aquella horrizona batalha, que o inimigo vence por que tem a seu favor a surpresa, a cumplicidade atmosferica e uma espantosa superioridade em homens e em material; até ao fim os

nossos são vistos por toda a parte onde a resistencia se obstina, rôtos os quadros mas nunca manchada a honra, combatendo até ao ultimo cartucho, resistindo até ao ultimo combatente!

Foi uma derrota?...

A historia militar que se pronuncie—no outono antecedente, sem a desporporção de efectivos e material imensamente superiores d'esta batalha, em poucas horas Cadorna e todos os ezercitos italianos, á vista já de Trieste, perdiam os ganhos de trez anos de tenacissima ofensiva e perdiam a Italia até ao Veneto; perdiam salvando a honra porque se houveram com valentia.

Que a historia militar chame ao 9 de abril o que lhe dite a insubornavel justiça—é uma façanha de epopea á moda portugueza, e é o nosso acto na grande guerra imperecivelmente marcado por núnnum vigorozo baixo relevo portuguez e só portuguez.

Antes e depois quasi passamos num anonimatoto confuzo; n'essa hora que é a prova tremenda a que é exposta a nossa gente damos o que sempre dá a raça na desfortuna, que a sublima, os clarões mais altos, os mais intensos.

Por entre Armentieres e La Bassé o rasto de sangue e de audacia cavalheiresca que lá deixaram os nossos não é facil perder-se de memoria, e nem o seria sem iniquidade criminoza em extranhos e envilecimentoto sem nome em nacionaes.

Cumprido o dever terrivel por lá ficaram os nossos—homens de todo o Portugal, e homens tão de perto de nós que o 24, a unidade rejional, si jura no priveijiado rol da hecatombe e do heroismo—com a lembrança da grande data lem-

bremol-os, aos grandes mortos, que na historia patria avieram insculpi em bronze.

Lembremol-os para lhes celebrar e honrar o nome, e para que a sua imortal lição não a percam os que por cá ficaram, não a esqueçam os que por cá vivem.

Antonio Valente d'Almeida.

Seria?

O dr. Alberto Tavares, quando da scena do pugilato e... pontapés com o nosso amigo Alfonso Abragão, disse-lhe que «aquilo era só o rano da amostra; e que (é bom que se registre) ou este nosso amigo acabava com o que andava a escrever, ou eles acabavam com elle!!!

Tambem seria para apertar os contadores que sua excelencia fez esta ameaça? Se calhar?...

Carnaval

Está vingado o sr. Manoel Joaquim Rodrigues das perseguicoes e insultos com que injusta e imerecidamente o perseguiram os democraticos.

Aquella carta carnavalesca, que os seus e nossos adversarios engendraram, datando-a de antes da greve, dá a medida da força de tal gente.

Aqueles insultos sem a menor razão, sem o mais leve fundamento, atirados a esmo, sem respeito pelo carater e por um passado honesto; aquella perseguicao obstinada, a frio, como se a liberdade de um homem fosse um simples brinquedo que se pudesse quebrar por um capricho—tudo isso desappareceu.

Agora o sr. Rodrigues «é uma alma ingénuu, pura e patriota».

E isto na primeira pagina, logo a seguir ao artigo principal...

Só á gargalhada.

Por lá como por cá

Dizem os jornais de Lisboa que numa noite da semana passada foi em plena rua assaltado e agredido por um grupo de seis individuos, entre os quais se destacava um official da Guarda... B. pústana, fardado, o senhor Simão de Laboreiro, director do jornal «O Tempo».

Quando isto é na capital, em plenas barbas da policia, quem se poderá admirar de que o mesmo se faça em plena péra de um simples official do Registo Civil, numa quieta vila á beira-mar plantada?

Confrontos

Quer a «Patria» que se concretisem afirmações, que se individualisem.

As nossas afirmações são sempre terminantes; e só individualisamos, quando o julgamos necessario. Mesmo sem convite, tinhamos hoje de o fazer.

A «Patria» põe, no mesmo numero, dois homens em confronto—um o sr. Zeferino Camossa membro da comissão municipal democratica e o outro o sr. Correia Dias, nosso correligionario. Aquele passa o epíteto de ardido republicano, a este de monarchico ferrenho.

Começemos pelo primeiro—é da praxe que ao adversario se dê este logar.

Ninguém conheceu idéas ou o mais insignificante acto politico ao sr. Zeferino Camossa, até á situação sidonista: foi uma vida politica perfectamente apagada, sem a mais leve manifestação.

Na situação sidonista, aparece o sr. Camossa em destaque. Primeiro, como inspélor ou o quer que fosse das subsistencias, começa a levantar autos de apreensões contra toda a gente, intima os talhos a descer o preço da carne, e ameaça-os de tomar medidas rigorosas e tão rigorosas que um fechou.

A Camara interveio e o sr. Camossa remeteu-se ao silencio, deixa ficar os autos de transgressão na gaveta, e não tem uma palavra de protesto contra os sidonistas que o haviam colocado n'uma posição critica.

E' ainda o sr. Camossa que está incumbido pelo sidonismo de censurar os jornais da localidade; e a «Patria» é por tal forma apertada que o seu proprietario e quasi unico redator protesta perante os republicanos e vê-se obrigado a fazer o jornal quasi noticioso. Mas não succede o mesmo ao «Ovarense» que tem larga liberdade para atacar os democraticos que estavam á frente dos republicanos da esquerda, que combatiam o sidonismo.

Áo sidonismo, succediam as Juntas Militares e o sr. Camossa dava-lhes o seu apoio por escrito; enquanto os seus companheiros e conterraneos, republicanos de sempre, republicanos que nunca tinham recebido dos partidos qualquer favor, nem para eles nem para suas familias—capitão Manoel Leite e alferes Pinho,—recusavam apoio, entendimento com as Juntas que bem sabiam ser anti-republicanas.

Veio a esperada proclamação monarchica. A primeira noticia foi recebida na Estação. E ahí logo um alferes miliciano do batalhão, cujo nome nos não recorda, o que sinceramente lamentamos, declarou perante toda a gente que ali estava, que enquanto tivesse vida, combateria pela Republica.

O capitão Manoel Leite, sa-

lando a noticia correu, o primeiro, para o quartel a preparar o armamento para a luta. Para lá foram depois os seus companheiros.

Qual foi a acção de destaque do sr. Camossa? Ninguém o soube. O que se soube foi que horas depois reuniram os officaes sob a presidencia do sr. Camossa, por ser o mais graduado ou o comandante, e resolveram collocar-se ao lado da Republica, combatendo por ella.

Os factos posteriores não pertencem á acção individual, mas ao conjunto do batalhão, para o qual desde os soldados até aos officaes todas as honras são pequenas.

Mas precisamos de, nos factos anteriores, destacar a acção individual. Os republicanos puros, os republicanos de sempre, aqueles, que olham a Republica como seu ideal, que não contemporisam com situações dubias, foram logo ao primeiro rebate proclamar as suas idéas ao quartel, cumprir com o que julgavam o seu dever politico; sacrificavam, sem saber o que pensavam os seus companheiros, os seus soldados, o seu futuro e a sua vida. Eram coerentes.

O sr. Zeferino Camossa tinha o seu nome preso ás Juntas: foi para o quartel, viu os seus companheiros, recebeu o entusiasmo deles e... com eles marchou.

Estava republicano, salvou-o então o republicanismismo de Manoel Leite. Antes, nem a intimidade de seu primo dr. Pedro Chaves, o tinha impedido de assinar o compromisso de apoio á acção politica e militar das Juntas.

Depois da vitória, os jornalistas que acompanharam a columna republicana, começaram a fazer a historia da resistencia em Ovar deturpando-a.

Nem uma só vez se falou nos nomes dos homens que, incarnando a verdadeira Fé republicana, foram os iniciadores do movimento. Os nomes do capitão Leite e do alferes Pinho ficaram completamente esquecidos.

Apareceu só o do sr. Zeferino Camossa, o homenageado do jantar de confraternização, como lhe chamou o enviado do «Janeiro».

Voltando o batalhão victorioso, o sr. Camossa appareceu o democratico ferrenho, que, na celebre reunião do seu partido, iniciou a sua acção partidaria impondo a transferencia dos presos, seus conterraneos, das cadeias da vila para a penitenciaria de Coimbra. Começou por onde devia começar—são sempre assim os que chegam tarde. Já o diz o Fvargelho—os ultimos são os primeiros.

Resposta a um acinte

A sinceridade com que sempre falamos, a verdade que sempre tem sido a norma por que guiamos a exposição dos nossos pensamentos, exigiam de nós que uma a uma refutássemos todas as falsidades que sob o título «Pugilato», o jornal «A Patria» lançou a público no seu penúltimo número.

Abstemo-nos, no entanto, de o fazer, não porque nos falte a vontade e a energia para mostrar a impudência com que se fazem certas afirmações, mas porque alguém se nos antecipou, num legítimo direito de defeza cuja primazia constringidos temos de reconhecer.

Há, porém, na citada local d'«A Patria» uma insinuação que, por mais particularmente nos dizer respeito, não podemos nem queremos deixar em claro.

Diz aquêle jornal: «...repôr a verdade dos factos alterada pelo jornal «A Defeza» num acinioso propósito de quem de facto a orienta, de atingir por todas as formas o nosso presado amigo sr. dr. Alberto Tavares.»

Que insinuação pretende a «Patria» fazer? Porque não tem a hombridade de claramente indicar a pessoa que quer visar?

Julgam-nos com um mentor? Apontem-nos, sejam francos; tenham a inteireza de caracter que é o apanágio de todo o homem de bem, porque a nós não falta a dignidade para repelirmos afirmativas cavilosas.

E' ao nosso ex-director que a «Patria» se quer referir? Pois, se assim é, fique sabendo que as suas palavras não são mais que uma torpe insinuação inteiramente destituída de veracidade.

O sr. dr. Nunes da Silva não teve neste assunto, como de resto em qualquer outro versado neste jornal depois da sua saída, a minima interferência directa ou indirecta, e já agora, fique-o «A Patria» sabendo de uma vez para sempre, **não temos necessidade de preceptores.** Todos aquêles que neste jornal colaboram tomam a responsabilidade do que escrevem, e não precisam que ninguém, absolutamente ninguém, guie o seu pensamento.

A infâmia praticada para com o nosso colaborador sentiu-a o sr. dr. Nunes da Silva (como de resto nós, e comosco toda a gente honesta) como amigo intimo de Afonso Abragão, como se seu irmão fôra; não precisava, porém, de nas colunas de um jornal vir exteriorisar a sua indignação pelo acto praticado. Porque se fosse essa a sua intenção, se tivesse a ideia de publicamente verberar o procedimento baixo dos assaltantes, não desceria a insinuar no espirito de outrem a ideia de um protesto encoberto, fa-lo-ia elle desassombadamente, estamos certos disso, assinando o que escrevesse.

Nunca o sr. dr. Nunes da Silva necessitou de encobrir as suas palavras com o auonimato, talvez porque dentro da sua alma há a fortaleza e sinceridade que fazem trazer sempre erguida a fronte onde a minima indignidade jamais traçou uma ruga.

Nas colunas deste jornal que pela mão do sr. dr. Nunes da Silva veio a público, terá elle sempre acolhimento quando quizer com a sua pena abrilhantar «A Defeza», mas do que «A Patria» pode ficar sciente é que o sr. dr. Nunes da Silva nunca aqui

inserrirá uma palavra que não venha garantida com o seu nome. Esta afirmação que agora fazemos, e que de resto é a expressão fiel do seu sentir, já mais do que uma vez confirmada e comprovada por Sua Ex.^a, fazemo-la nós aqui **pela ultima vez**, para que a «Patria» não volte com a sua malévoa insinuação.

Tivessem todos aquêles que número a número lançam o estendal das maiores infâmias nas colunas de «A Patria», a mesma dignidade, a mesma hombridade que o nosso ex-director, e evitar-se-iam muitas das questões que constantemente fazem desviar os jornais do fim para que se lançaram em publico.

Houvesse num Alcino—o prototipo dos caluniadores cobardes—o brio bastante para se desmascarar, para se responsabilizar pelas cavilosas insinuações de maioria dos seus artigos, e, por certo, se teria evitado essa vergonha a que os srs. desceram de assaltarem um rapaz em plena rua—(um capitão do exercito e um médico!!!).

«Atingir por todas as formas o sr. dr. Alberto Tavares» diz «A Patria».

Que nova insinuação oculta-rão estas palavras?

E' ao sr. dr. Tavares, *médico*, que pretende «A Patria» aludir?

Nada temos que ver com elle. Não somos médicos, não tem sua excelência que temer a nossa concorrência; nem somos seus clientes, em coisa alguma, pois, não nos interessa a sua profissão. A sua proficiência a ou a sua incompetência na carreira a que se votou não nos merecem mais do que as felicitações ou a piedade para com aquêles que teem a ventura ou a desliza de se utilizarem dos seus serviços.

E' ao sr. dr. Tavares, *republicano*?

Somos tão republicanos como sua excelência; a sua alma democrática não faz a nossa a minima sombra, nem o nosso espirito republicano se envergonha comparado com o dele; os mesmos são principios nos regem.

E' ao sr. dr. Tavares, *politico*?

Então sim; então a nossa critica atingi-lo-há, como atingirá todos os que a dentro da nossa terra nos espesinham, nos amesquinham, nos aviltam, nos perseguem; e, se ao grupo democratico apontamos como réo de alta traição para com o bem estar e a tranquillidade do povo de Ovar, essa nossa accusação será tanto mais carregada e tanto mais forte, tanto mais do fundo da nossa alma e portanto mais sincera quando ela visar os que, como o sr. dr. Tavares, veem para uma terra que lhes é estranha espesinhar os seus habitantes, aviltar com perseguições e vinganças aquêles que unicamente lhes deveriam merecer respeito e gratidão pelo acolhimento e hospitalidade que a dentro da sua terra lhes consentem e nunca regatearam.

Teima

Teimozia por espirito de partido. Para não dizer—desfaçatez.

Alega o orgão democratico que o seu correligionario graduado que aderiu ás

juntas militares o fez por impoluta boa fé, por iludido dos seus fins. Fez a mais grave injuria á sanidade mental do seu graduado correligionario, o estupendo orgão. Nenhum militar, dos que ingressaram nas juntas militares, desconhecia que estas tinham o fim exclusivo de conservar no poder a situação que perseguia sem rebuço e brutalmente os republicanos; motivos respeitaveis, razões que se podem julgar justissimas absolventes, e justificarão, por ventura, os que a elas muito ou pouco pertenceram; o que não são é *razões republicanas*.

Desde a primeira hora da sua constituição as juntas foram violenta, francamente pela dictadura contra a Republica, pelo dictador contra os republicanos—com a agravante, a mais que todas as outras forças que se prestaram ao mesmo objecto, de serem *a espada*, isto é, a força actuante.

Ninguém ignora isto, ninguém tem o direito de lhe achegar panos quentes... *porque assim convem*.

E «A Patria» não é por convencida que nos vai debitando a nova versão ortodoxa de que estiveram nas Juntas Militares este ou aquelle dos seus por serem republicanos, n'esse tempo. De tal cantiga não está convencida, e antes pelo contrario...

Então? Então!... Cêbo!...

Grêgos em tudo...

Já repararam nos pseudonimos usados pelos *escritores* da «Patria»?

Alphas, Omegas... parece quererem regressar em carne e osso (em miolo não) á florescente Hellade antiga!...

Lá que, fazendo um rapido exame á consciencia (te-la-hão?) se vejam grêgos, acreditamos; e que, não sabendo como sair do bêco em que se meteram, vão escrevendo por honra da firma, mas guardando os seus verdadeiros nomes a sete chaves, e mandando outros por eles assaltar pelas ruas quem passa, também é o que se vê.

Alphas, Omegas... *Betas* é que eles são todos.

A MANGEDOURA

Se a «Defeza» «prosegue entre tirantes», o articulista da «Patria» está sem duvida *á mangedoura*... do orçamento, enchendo a barriga sem outro prestimo; pelo menos é o que se infere das suas manifestações... *alcinicas*.

Regale-se, enquanto o não prendem mais curto.



«Se me amarrassem ao rabo (passe o termo) dum cavallo, e assim fosse arrastado do Porto até Lisboa e chegando eu lá vivo, me perguntassem—quem viva?—eu dizia imediatamente: viva a monarquia!»

Textualmente estas palavras foram proferidas por um individuo que é senador da Camara actual, quando se soube em Ovar da proclamação definitiva da Republica em Lisboa.

Dá-se um dôce a quem advinhar o nome do magnate.

Carta

Do nosso amigo Afonso Abragão recebemos a seguinte carta a que gostosamente damos publicação:

Meu caro amigo:

Desculpe-me voltar a importuna-lo, mas, como «quem cala consente», o meu silencio perante o amontoado de mentiras a que «A Patria» pôs o titulo de «Pugilato», poderia parecer a alguém, não digo já uma concordância absoluta com o conteúdo da local, porque eu só me dirijo ás pessoas honestas, e essas já formaram o devido conceito sobre o cobarde assalto de que fui vítima, mas, pelo menos tímidos ou... precaução da minha parte.

Unicamente porque numa defêsa do dr. Tavares, e numa pseudo-contestação das palavras do seu jornal, sr. Director, completadas pela minha carta, «A Patria» se arroga o direito de mentir, mas mentir infamemente, porque eu admito a mentira quando se não está bem sciente da verdade, o que não succede neste caso, porque o autor da dita local esteve por certo presente ao assalto, presenciou, pois, os factos, agora não tem pejo de narrar o contrario do que viu, unicamente, repito, porque «A Patria» se arroga o direito de mentir, eu venho, sr. Director, ocupar um pouco mais de espaço ao seu jornal, não numa resposta áquella gazeta, porque (deixe-me repeti-lo pela centesima vez) eu tenho por norma discutir unicamente com quem mo mereçe,—norma que de resto, talvez seja a seguida também por ellas—mas só num como que esclarecimento aos leitores da «Defeza».

Tudo o que na minha ultima carta eu narrei é a expressão fiel da verdade, a qual pôde ser comprovada pelo sr. José Pinto Loureiro, unica pessoa que presenciou toda a scena. O sr. Perry, secretario da administração, nada pôde testemunhar, pois que estando á porta da farmacia Silveira quando o assalto principiou, já este estava no fim quando esse senhor chegou junto de nós, limitando-se a, com o dr. Chaves, nos separar.

Para a honra do sr. Antonio Arala eu apelo no caso de elle também querer testemunhar os factos.

A unica pessoa, repito, que pôde contar como se passou a scena, e que, de resto, elle já reproduziu perante 3 individuos, na minha presença, é o sr. José Pinto Loureiro.

E o depoimento dele é tanto mais para considerar quanto é certo que este senhor, republicano de sempre, é alheio por completo ao partido que o seu jornal, sr. Director, defende, e antes partidario politico da companhia assaltante.

Para findar direi apenas que se ainda não tirei o devido desforço com o dr. Tavares, é talvez pelo mesmo motivo porque, apesar da nha carta, sua excelencia ainda comigo se não quiz avistar.

Olhe, sr. Director, «as marés são mais que os marinheiros» e «Roma e Pavia não se fizeram num dia».

De V.

Afonso Abragão
(J. d'Aguilar)

Arripiando caminho

Os democraticos vindo a ladeira ingreme que principiaram a descer, procuram *karripiar* caminho».

Dos insultos vieram para a bajulação.

Erro. O resultado é sempre o mesmo. Encetado um caminho de vinganças pessoais, de perseguições injustas, não se pôde voltar atraz. Quando se quer parar; as vítimas bradam, como a consciencia ao Judeu Errante—caminhal!

Podia lá ser d'outra fórmula?

Pois um pequeno grupo de audaciosos arma-se em senhor absoluto d'um concelho e prende, desterra, multa, ameaça, arremessa para os tribunales toda a gente, tendo apenas por norte o seu capricho, os seus interesses pessoais, a sua vingança, a sua vaidade; e, depois de tudo, põe-se a arripiar caminho para não aguentar com as responsabilidades de seus feitos.

Não havia coisa melhor. Satisfeito o rancor, toca a arripiar caminho, a fazer a paz... democratica.

Repicando...

«A Patria», calcando aquella luva branca de que o sr. dr. Tavares falava nas cartas que assinou, desata n'uma data de... insultos, procurando fazer trocadilhos d'uma pobreza de engenho e d'uma chaticce de invenção, que causam dô.

O falecido polemista Emidio Navarro, escreveu um artigo—*Arre malandros!*—que ficou celebre, fazendo perdoar a grosseria do titulo pela violencia escrita com arte, com vigor e com tal colorido, que esse artigo passa como sendo um escrito classico, entre a imprensa politica.

Mas não escreve assim quem quer. Para que no ataque politico ou pessoal se possa desculpar a virulencia da frase, é preciso saber escrever, ter arte, que é o que a «Patria» não tem.

Aquilo que escreve em resposta á «linha recta» é a final uma porcaria reles, sem colher o resultado que almeja; aquilo é transformar o jornal n'uma estrebaria e quem escreve em cocheiro—salva a frase, porque os cocheiros da nossa terra são um pouco menos sujeitos.

Confusão natural

Ainda na arenga subordinada ao titulo «Pugilato» diz a «Patria» que:—«a ideia de um pontapé na cara de um dos contendores é tão inverosimil que provoca o sorriso, e tão falsa que provoca o nojo.»

Essa inverosimelhança e falsidade que a «Patria» lhe acha tão naturaes; é confusão de nomenclatura. Nós, como toda a gente, costumamos chamar pés aos membros inferiores e mãos aos superiores, e daí dizermos que foi um pontapé.

O colega discorda? Lá tem as suas razões,

Xadrez

Lobos no povoado

(Conto)

Entrara a primavera perfumada e linda.

Desabrochavam as flores por toda a parte, estendendo pelo arrelvado dos campos e dos jardins os tapetes poli-cromos das suas pétalas, trepando languidos, voluptuosos, pelas paredes brancas das casas, pelos muros musgosos dos quintais, ou abraçando, em volutas soberbas de côres e de perfumes, as árvores á beira dos caminhos.

A terra, feliz e enlevada, como Mãe amantíssima que em beijos recebe os primeiros sorrisos de um filhinho recém-nascido, perdera aquê le tom arido do outono e inverno, e desabrochava em miríades das mais variadas florinhas.

Tudo era festa, tudo alegria na natureza.

Do alto da montanha vinha, porém, um uivar de lobos sedentos de vingança, um rugir de feras ardendo em cólera.

O lume sinistro dos olhos irados espiava de longe o povoado, na busca de uma vítima indefesa.

Inculta, confiante na beleza do tempo e na serenidade da Natureza... que é como quem diz na vigilância da autoridade, passava a caravana, passava sempre sem que o uivar longínquo a amedrontasse.

De repente, um grito angustioso, cruciante, corre por toda o povoado:

Ai vem o lobo! Ai vem o lobo!

E na realidade, sem que ninguém o suspeitasse, uma alcateia de lobos aparece na semi-escuridão daquêlê fim de dia, acoitada na sombra de uma casa, pronta a lançar-se sobre a presa.

E quando, sempre despreocupada, a caravana passava em frente, de um salto um lobo lança-se sobre ela, e após êste, outro, num ranger de dentes e fusilar de olhos que poriam em pê os cabelos a um... careca, ou um arripio de terror na espinha de um... invertibrado.

.....
E as mãs, que o som terrível escutaram, Aos gritos os filhinhos apertaram.

E a caravana, refeita do assalto... continuará sempre a passar.

Os vereadores

Por mais que a gente se esforce por não ligar importância a êstes prestimosos cidadãos, a verdade é que êles teem artes e habilidades de provocar o riso ao caracter mais atacado de hipochondria, e obrigar a nossa atenção a descer de vez enquanto até suas incelências.

E' que a dentro daquela casa se passam por vezes scenas de um cômico tão hilariante que, por mais sérios que nos queiramos manter, não podemos de modo algum suportar uma gargalhada que se esforça por estoirar.

Os leitores tiveram conhecimento daquela sessão em que um vereador propôs que a guarda republicana fossem dadas instrucções para que fosse permitida a permanencia de carros junto ás tabernas, afim de os condutores dos mesmos poderem entrar a meter car-

vão e água para a máquina, que é como quem diz uma isca ou uma febra do da peça e dois dicilitros para o bandulho?!

Que lhes parece? E repararam bem em quem era o autor da proposta? Nem mais nem menos que um proprietario de uma das tais tabernas!...

Olhem que já é!... Aquêlê é vereador... para si.

Ainda havemos de ver outro vereador a propôr que as sessões se façam em sua casa, para se não encomodar.; outro a pedir a cedença do camion para transportar o estrume para as suas propriedades, etc., etc... São uns vereadores e... pêras.

Idem

E' aquela outra proposta do mesmo vereador para que a nova avenida fosse dado o nome de «Avenida Senador Pedro Chaves» e a uma travessa da mesma, o nome «Oliveira Lopes»?!

Mas positivamente esta gente está toda doida!

Banhos de chuva! Banhos de chuva, ou então Rilhafoles!

Olhem, já agora ponham à viela dos gatos o nome de «Avenida do Judeu», mas com o retrato dêlê, para que se não possa confundir com o Antonio José da Silva.

E se não vem um... sol que os creste a todos!...

Jorge d'Aguiar.

Os homens de valor!

Caros leitores da «Defeza», suportem um pouco as nauséas mas leiam este bocadinho:

«Há criaturas que tanto se põem nos bicos dos pés e tanto vomitam sandices e insultos contra pessoas... que conseguem que estas os vejam embora apenas pelos instantes necessários para se substituírem a quem devia ter cuidado da educação desses insignificantes, etc.»

Ora vejam! Oh! os grandes homens, os gigantes do renascimento profundo, os génios, os talentos da Patria!! Que bonsinhos!

Jornalismo

alevantado...

O jornal dos «Alcinos» continua a usar aquele jornalismo alevantado tão proprio da sua grei.

Nos ultimos numeros—para não ir mais longe—encontra-se um artigo intitulado «Canalhices», outro intitulado «Pulhas»; em outro lê-se «... para ser de Jericó só falta o assento final...»; mais adiante «prosequem entre tirantes», etc., etc.

Como veem, são modelos de jornalismo alevantado e primores de boa educação! Nós bem sabemos, de resto, que as boas maneiras não são coisa que se compre e que quem as não adquiriu em pequeno, nunca mais as consegue...

Emfim, «Alcino» é um symbolo, apunhala a vida particular dos outros a coberto de um pobre velho e doente, ou dá três homens por si á cautela...

Cá ficamos agora á espera de «A Patria» vir dizer que os mal educados somos nós e que estamos a defender os talassas a quem aquêles mimos de frase eram dirigidos. Mas mudem de cantiga que essa está já estafada.

S. Vicente de Perolra

12—IV

Faleceu no passado dia 8 na sua casa de Cassemes, desta freguesia, a sr.^a D. Joaquina Rosa de Souza, idolatrada esposa do nosso presado amigo e prestante correigionario, membro da commissão liberal, Manoel Andrade de Pinho.

Contando apenas 45 anos de idade, com uma vontade cheia de energias e um coração a florir de esperanças, a sua morte foi muito sentida por quantos conheciam a nobresa dos sentimentos e as bondades da sua alma.

Dotada de todos os predicados que constituem uma perfeita dona de casa, preocupada unicamente com os seus deveres de mãe e de esposa, grangeou essa consideração e simpatia que a rodearam em vida e bem se patentearam na morte.

O seu coração, grande de mais para se encher com as estreitezas do egoismo, voava para fóra do lar, levando ao seio da miseria, cujo espectáculo a cercava e compungia, as ternuras da beneficencia.

Desceu ao tumulto nimbada pela dupla aureola da saudade e da caridade, unvida pelas lagrimas de seu esposo e filhas, das mais sentidas que temos visto chorar, e coberta pelas flores da gratidão.

Ao ofertorio, que foi numerosissimo, concorreu, num gesto inédito e sobremodo impressionante, a infancia pobresita e desvalida, que o manto da sua comiserção enternecidamente abrigára.

Bem hajam as almas christãs e bem formadas, que saem deste mundo cobertas de bênçãos e entram na eternidade coroadas de virtude.

Ao desolado esposo e familia, cuja amargura bem compreendemos, mas que só balsamos da Fé podem consolar, a expressão do nosso profundo sentimento.

C.



Mundana

Fizeram anos:

No dia 11, o sr. Antonio Augusto Freire de Lis.

No dia 12, o menino Filipe, filho do sr. Domingos Tavares.

No dia 15, o sr. Antonio Valente Compadre.

No dia 17, o sr. Alvaro Esperança, e a sr.^a D. Lidia Ribeiro.

Hoje, a sr.^a D. Maria Judit Ribeiro.

Amanhã, a galante menina D. Irene Saramago.

A todos as nossas felicitações.

Noticiario

Capitão Canelhas

Para Lisboa, de onde seguirá para a Africa em missão especial de delimitação de fronteiras, partiu no correio da noite de segunda-feira última o sr. Capitão Canelhas que há pouco tempo ainda havia sido colocado no batalhão de infantaria aquartelado nesta vila.

De uma afabilidade extrema e um trato invulgar, soube Sua Ex.^a captivar a simpatia, e mais do que

isso, grangear a amizade de quantos com êle conviveram no pouco tempo que entre nós esteve.

E a prova de que em cada individuo que com êle privou, deixou um amigo e um admirador, está em que, apesar de completamente estranho a esta vila, a despedir-se de S. Ex.^a correu á estação do caminho de ferro um grande numero de individuos.

Desejando no sr. Capitão Canelhas a maior ventura, reiteramos uma vez mais a nossa grande simpatia por Sua Ex.^a e fazemos votos porque em breve regresse a esta terra.

Operações

Em 10 e 11 do corrente submeteram-se a operações de grande cirurgia em Ovar, na casa do sr. Dr. Nunes da Silva, a sr.^a Maria do Carmo Rita Valente, residente em Salreu e Antonio Carlos Dias da Costa, de S. Martinho da Gandra, e na sua residencia a sr.^a Maria José Pereira dos Santos, desta vila.

Os dois primeiros operados ficaram internados na casa onde se efectuaram as operações, e os actos cirurgicos correram bem, segundo nos informaram. Operou o Dr. Azevedo Gomes ajudado pelos Drs. Nunes da Silva, Pereira do Amaral e Alvaro Valente. Os doentes estão passando muito bem, com o que sinceramente folgamos.

Nascimento

Teve ha dias a sua délivrance, dando á luz uma creança do sexo feminino a ex.^{ma} sr.^a D. Irene Abreu Fidalgo, esposa do nosso amigo Augusto Fidalgo, dignissimo escrivão de direito nesta comarca.

Os nossos parabens.

Falecimentos

Faleceram ha dias na vizinha freguezia de Vallega, a esposa do sr. Domingos Valente de Pinho, e a mãe do nosso estimado assinante sr. José Maria da Silva Dias. Sentidos pesames.

Partidas

Partiram para o Porto os academicos, nossos conterraneos, Frederico de Quadros Abragão, sextanista de engenharia, José Eduardo Lami, Antonio Frago, primeiranistas de medicina, e José Afranio Lami, do 7.^o ano do liceu; para Coimbra Afonso Abragão, terceiranista de direito e nosso distincto colaborador, José Perry e Alvaro Esperança, primeiranistas de medicina, e para Lisboa o inteligente academico Manoel Nunes da Silva.

Teatro

No domingo de Páscoa apresentou-se no nosso teatro, como aqui

noticiáramos, um grupo dramático do Porto.

Programa variado, serviu pelo menos para quebrar a monotonia que costuma a caracterizar os espectaculos da nossa terra.

Alguns artistas soffri-veis, outros algo inferiores a... mediocres.

Caras — femininas, já se vê—muito pouco entusiastas.

Gargantas muito afastadas, mais próprias para na frente de uma ginginha rouquejarem o fado da Severa, do que para virem cantar para um teatro. Guarda-roupa... menos que baixo.

Alguns numeros, poucos, conseguiram despertar a gargalhada a parte da assistencia... pela sua graça chula.

Tudo o mais muito sensaborão e com um caracter acentuadamente pornográfico. Espectaculo quasi exclusivamente para homens.

Nos dias 9, 10 e 11 nova companhia, esta, porém, vinda do teatro de Aveiro, mas composta de artistas estrangeiros: —cavalos, cães e macacos, homens e mulheres; um jardim zoologico com pleto. Emquanto esteve em scena a fauna, tudo foi muito bem; belo e interessante trabalho, revelador sobretudo de uma boa dose de paciencia por parte dos... professores.

Logo que os irracionais deram logar aos racionais, o espectáculo desceu muito.

A já velha história dos «duetos»... em espanhol de mais a mais.

A garganta... masculina muito boa, na verdade. Querer, porém, cantar um fado como quem declama um trecho de ópera... Fado gesticulado só... o do Ganga.

Depois um francês a cantar um fado português numa linguagem meio espanholada...

Emfim foi um espectáculo que no geral agradou, e bastante melhor que o do domingo de Páscoa.

Consta-nos que a Empresa do Cinema Olimpia tencioná para breve contratar o grande artista português Julio Villar, a vir dar, no nosso teatro um espectáculo.

Manoel Rodrigues Valente Lopes e familia, profundamente reconhecidos, aqui patenteiam os seus mais vivos agradecimentos a todos os cavalheiros e senhoras que tomaram parte na sua grande dôr por ocasião do falecimento de sua sempre chorada esposa Maria de Oliveira Gaspar, bem como aos que se dignaram acompanhar o cadaver da saudosa extinta á sua ultima morada.

Ovar, 7 de abril de 1920.

AVIZ

Companhia Resseguradora Portuguesa

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

CAPITAL --- 1.000.000\$00 ESCUDOS

Autorizada pelo governo em portaria de 20 de Junho de 1918 e à exploração de seguros directos por portaria N.º 1766 de 5 de Maio de 1919

Séde Social—Rua do Carmo, 69—2.º

LISBOA

Endereço telegrafico VIZA-LISBOA

Telefones: Expediente 3919—Administração 5001

Delegação—Rua Mousinho da Silveira, 129

PORTO

Endereço telegrafico PORTIVIZA

Telefone—776

DELEGAÇÃO EM HESPAÑHA—Calle de Alcalá, 40—DELEGAÇÃO NO FUNCHAL, José Torquato de Freitas—DELEGAÇÃO DE VILA REAL, Americo Gomes da Costa—EM COIMBRA, Avenida Sã da Bandeira, 50—1.º

SEGUROS E RESEGUROS CONTRA OS RISCOS:—Fogo casual e proveniente de guerra, de transportes terrestres e marítimos, agrícolas, postaes, roubo, contra quebra de cristaes, automoveis, gado, etc., etc.

Agencias no Paiz e Ilhas

O Conselho de Administração

Alberto Correia, Antonio Barbosa, Antonio Cardoso de Sousa, José da Costa Pereira, José Dias da Silveira

QUIOSQUE—TABACARIA

Praça da Republica

— OVAR —

ANGELO GONZALEZ

Sempre á venda charutos da Bahia, tabacos nacionaes e estrangeiros. Papel para cartas, idem de 25 a 35 linhas, lapis, lapiseiras, canetas, bicos de escrever, papel de fumar, livros, loterias, cervejas, refrigerantes sameiro, rebuçados, tintas de escrever e copiar, fumadeiras, pomadas preta e de cor para calçado, bolsas de borracha para tabaco e outros artigos.

BANCO NACIONAL ULTRAMARINO

OVAR

Depositos á ordem, com o juro de 2 1/2 %

e 3 1/2 %

Depositos a prazo, com o juro de 3 1/2 %

4 % e 4 1/2 %

respectivamente a tres, seis mezes e ao ano.

Saques sobre todas as localidades, aos melhores premios.

Descontos sobre a praça a 6 % ao ano.

Empréstimos caucionados, cambios, coupons e papeis de credito.

Ourivesaria

E

RELOJOARIA

— DE —

José Placido d'Oliveira Ramos

Sucessor de PLACIDO O. RAMOS

Oficina e especialidade em finissimos objectos d'ouro e um sortido completo em estojos de prata proprios para brindes

Compra ouro, prata e pedras preciosas

73—Rua Elias Garcia—75

OVAR

Atlántica



Companhia de Seguros

SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Capital social (Escudos) 500.000\$00

Capital realiado (Escudos) 150.000\$000

Fundo de reserva (Escudos) 150.000\$00

Sede: Lotos, 92---PORTO

Receita de 1914 (Esc.)	36.988\$03,5	Siniestros pagos em 1914—	22.601\$41
» de 1915 »	71.197\$29,5	» » em 1915—	25.903\$15
» de 1916 »	537.897\$94,3	» » em 1916—	153.470\$90
» de 1917 »	3.139.404\$23	» » em 1917—	1.427.035\$74

Afóra os que se teem pago até esta data

Agencias em França, Inglaterra, Noruega, Suecia, Dinamarca, Hespanha e Egito. Seguros contra fogo. Seguros contra fogo e roubo. Seguros contra greves e tumultos. Seguros agriculas. Seguros contra quebra de cristaes. Seguros de guerra. Seguros marítimos e postais. Seguros contra inundações e enxurradas.

Conselho de Administração:

Manoel Joaquim de Oliveira
Dr. José Maria Soares Vieira
Silvino Pinheiro de Magalhães
Dr. Leopoldo Correia Mourao
Jaime de Sousa

Directores delegados

Agentes em todas as terras do paiz

Comissarios de avarias em todos os portes do mundo